



AZUL NA HISTÓRIA DA ARTE

A TRAJETÓRIA DA ELABORAÇÃO DE UM TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

VALDRIANA CORRÊA

Possui Graduação em História da Arte pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Apresentou, em 2017, seu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Azul na História da Arte*. Atua nas áreas de Historiografia, Teoria, Curadoria e Crítica de Arte.



RESUMO

ESSE ARTIGO/ENSAIO é uma descrição do processo de elaboração de um TCC em História da Arte, desde a escolha do tema, a escolha do recorte e a metodologia a ser utilizada para chegarmos ao produto final. Relato aqui minha trajetória, não somente nos últimos semestres, mas, de certa forma, em todo o curso, pois cada etapa foi decisiva para alcançar com lucidez o momento de finalização desse projeto. Chegar até a cor azul na História da Arte foi um caminho divertido de aprendizado e conhecimento, rodeado de estresse e desespero.

PALAVRAS-CHAVE

Azul. História da Arte. Ultramarino. Lápis-lazúli.

ABSTRACT

THIS ARTICLE/ESSAY is a description of the process of creating a TCC in Art History. From the choice of the theme, the choice of the cut and the methodology to be used to reach the final product. I report here all my trajectory, not only in the last semesters, but in a certain way, of the whole course, since each stage was decisive to lucidly reach the moment of finalization of this project. Getting to blue in Art History was a fun path of learning and knowledge, surrounded by stress and despair.

KEYWORDS

Blue. History of Art. Overseas. Lapis lazuli.

EM 26 de janeiro de 2017, apresentei meu Trabalho de Conclusão de Curso para a banca examinadora. Foi uma experiência incrível. A pesquisa abordava a cor azul na História da Arte, focando em dois modos de uso da cor: o azul atmosférico e o azul pontual. Para chegar ali, foi um percurso muito longo, cheio de curvas e desvios, e até alguns retornos.

Sempre imaginei que meu TCC seria sobre o Renascimento italiano. Pensava sobre isso desde o segundo semestre, quando inclusive comecei a ter aulas de italiano. Viajei à Itália em 2015, quando já estava no quinto semestre. Fiz amigos e até alguns contatos com professores na Università di Firenze. Eu estava decidida a estudar o Renascimento.

Falo isso para que se perceba que as coisas nunca estão totalmente certas, até que se tenha certeza. Acreditei que tinha certeza, até o dia em que fui pega de surpresa pelo destino. Creio, sim, que a escolha do meu tema foi coisa de destino. Tinha de ser assim, e assim foi.

Nunca fui uma aluna das mais eloquentes, mas prestava atenção em aula. Observava muito, anotava tudo e pesquisava quando chegava em casa. A partir de um trabalho para a disciplina de História da Arte IV, ministrada pela professora Niura Ribeiro, eu deveria escolher uma exposição e associá-la ao que nós estávamos vendo em aula, foi então que tudo mudou.

Conferindo a exposição *Entre silêncios*, da artista gaúcha Marta Penter (1957) – que utiliza muito a cor azul em seus trabalhos –, tive uma epifania naquela sala do Museu de Arte do Rio Grande do Sul Aldo Malagoli (Margs). Senti-me como se, de repente, em uma nota de rodapé, todo o texto fizesse sentido.

Aquelas imagens em preto e branco onde a cor azul tinha um lugar de destaque, fazendo com que a obra conversasse comigo, me trouxeram a questão que acompanhou toda a minha pesquisa: por que o azul?

FIGURA 1
Marta PENTER (1957),
Grand PALAIS (2015)
Série Entre silêncios,
Óleo sobre tela, 120 x 480cm



Desde então, a cor azul começou a chamar minha atenção. Primeiramente, como evento aleatório; depois, como algo recorrente, e então como o tema de pesquisa que poderia vir a ser. Não foi muito difícil perceber que não somente Marta Penter se utilizava da cor azul de forma pontual em suas obras. Conforme me aprofundava no assunto, surgiram nomes como Michelangelo (1475–1564), Ticiano (1490–1576), Johannes Vermeer (1632–1675), Vincent Van Gogh (1853–1890), Wassily Kandinsky (1866–1944), Henri Matisse (1869–1954), Pablo Picasso (1881–1973), Joan Miró (1893–1983). A lista foi aumentando com Cândido Portinari (1903–1962), Antônio Bandeira (1922–1967), Yves Klein (1928–1962), William Kentridge (1955), Felix Gonzalez Torres (1957–1996). Como um enorme quebra-cabeça de peças azuis, um mosaico foi se construindo. Cheguei a questionar se eu estava escolhendo o tema, ou se era o contrário, se o tema estava me escolhendo. Cada livro que eu abria, parecia uma caça ao tesouro, as pistas iam surgindo, uma após a outra, formando um percurso que me levaria ao encontro das respostas para questões que eu ainda nem havia feito.

Eram tantos os nomes, que ficava difícil especificar um recorte. E essa palavra – recorte – foi o que mais me apavorou na preparação para a banca de qualificação. Eu não poderia falar sobre *todos* os azuis da História da Arte, eu teria de escolher alguns artistas, alguns períodos, alguns eventos. Minha banca me desaconselhou veementemente a fazer um trabalho muito amplo e com uma abordagem tão abrangente. Então, contrariando a lógica, segui meu coração, para desespero de meu professor de Laboratório de Metodologia de Pesquisa. Eu tinha paixão pelo meu tema, sabia que seria difícil, mas nunca ninguém disse que seria fácil. E se fosse fácil, não seria TCC, seria bolinho!

O problema agora era como organizar todos esses azuis? Então, diante desse mosaico, percebi que existiam duas categorias de representação em que várias obras poderiam aparecer: o azul *atmosférico*, em que a cor azul toma conta da atmosfera da obra ou pelo menos uma grande parte dela, e o azul *pontual*, no qual a cor azul é utilizada como ponto de destaque, que torna visível o detalhe. Aí estava o meu recorte. A partir disso, a seleção foi se desenhando. Não procurei nenhum artista específico, tentei focar em suas obras, tentei ser mais visual do que teórica, tentei ver mais com o coração e não só com os olhos. Eu estava apaixonada pela cor azul.

Por que o azul? Essa foi a pergunta que fiz a cada obra selecionada, tentando me colocar no lugar do artista na busca pelas respostas. Isso me fez pensar que deveria haver uma ligação entre esses tantos azuis da História da Arte. Não me recordo de perceber essa mesma incidência na cor verde ou na cor amarela, por exemplo. Por que então o azul? Essa dúvida foi a mola propulsora para o desenvolvimento da pesquisa. Eu queria encontrar uma maneira de contribuir para um maior entendimento da relação entre a cor e a produção artística, assim como sua influência nas iconografias às quais ela é associada.

Então, primeiramente, eu precisava entender o azul e seus códigos de representação, suas simbologias desde a Antiguidade e o eco disso através da História da Arte. Aí estava a chance de percorrer vários períodos temporais usando o azul como fio condutor.

Partindo disso, foi traçada a estratégia de pesquisa, que incluía um levantamento bibliográfico sobre a cor azul e suas representações e simbologias, bem como o levantamento documental sobre pintores, exposições e obras que se encaixassem no escopo da pesquisa. E, finalmente, a escolha das obras que seriam citadas e contextualizadas de acordo com o que fora pesquisado. Eu poderia selecionar vários artistas de diferentes períodos. Um recorte que englobava *tudo*. Era perfeito... Até o trabalho começar.

A pesquisa partiu do surgimento dos principais pigmentos e seus usos desde o Oriente. É interessante que se fale sobre essa troca cultural entre o Oriente e o Ocidente, que foi responsável pela inserção na cultura ocidental de muitos valores e ideais trazidos pela rota da seda. O uso da cor azul nas civilizações orientais já tinha uma grande importância quando nos referimos a suas representações culturais. Tudo isso antes mesmo de pensarmos em arte. Para os romanos, o azul era uma cor desagradável e depreciativa, tida com a cor dos bárbaros. Sobre isso, Michael Pastoureau comenta:

[...] efetivamente, para eles, o azul é sobretudo a cor dos Bárbaros, Celtas e Germanos, que, têm o hábito de tingir o corpo dessa cor a fim de assustarem os seus adversários. [...] as mulheres dos Bretões pintam o corpo de azul-escuro antes de se entregarem a rituais

orgíacos; conclui-se daí que o azul é uma cor de que devemos desconfiar ou afastar-nos. Em Roma, vestir-se de azul é geralmente desvalorizado, excêntrico, ou então sinal de luto. Essa cor está muitas vezes associada à morte e aos infernos. Quanto a ter olhos azuis, é quase uma deficiência física. Na mulher, revela uma natureza pouco virtuosa, no homem, é um traço efeminado, bárbaro ou ridículo. (2016, p 31-32)

Hoje em dia, o azul é a cor preferida da maioria da população,¹ segundo estudo realizado pela *YouGov*, empresa internacional de pesquisa de mercado e análise de dados da Internet, com sede no Reino Unido. Houve assim, ao longo dos séculos, uma completa inversão de valores.

Para exemplificar melhor todas essas questões que envolviam a cor azul, decidi dividir minha introdução em seis subtítulos, cada um fazendo referência a uma maneira de pensar diferentes aspectos da cor azul. Depois disso, o plano era associar esses conceitos com os exemplos que surgiriam nos capítulos seguintes, fazendo com que o texto se tornasse algo prazeroso de se ler e, ao mesmo tempo, interessante. Ficou dividido dessa forma:

- Azul é Divino
- Azul é Poderoso
- Azul é Luz
- Azul é Ouro
- Azul é Real
- Azul é Imaterial

Em cada um desses subtítulos, destaquei uma maneira de aparição da cor azul, o que me possibilitou fazer um percurso através da História da Arte, escolhendo um período para exemplificar cada conceito ou modo de representação.

1

Estudo realizada pelo instituto *YouGov* em 2015 revelou que azul era a cor preferida em quatro continentes. A pesquisa foi feita em Reino Unido, Alemanha, Estados Unidos, Austrália, China, Hong Kong, Malásia, Singapura, Tailândia e Indonésia e, em todos eles, o azul despontou como a favorita. Resultados disponíveis em: <https://today.yougov.com/news/2015/05/12/why-blue-worlds-favorite-color/>

O uso da cor azul na arquitetura islâmica servirá de base para discutirmos a presença do azul em forma de poder. Já na Idade Média, a luz e a cor servem para evocar a nova maneira como a Igreja passou a pensar a representação do divino.

Vários pigmentos azuis foram utilizados ao longo da História da Arte, mas somente um teve seu valor equiparado ao ouro. No Renascimento italiano, o azul ultramarino passou a ser a cor mais utilizada, a mais adorada e a mais cara. Sendo assim, a cor azul servirá à representação da realeza, tanto do céu quanto da terra.

De todas as características encontradas sobre a cor azul, podemos destacar a imaterialidade. Azul é a cor mais imaterial que existe, representando todo o vazio, o inatingível ou a imensidão. Após discorrer sobre todas essas representações da cor azul e de já estarmos familiarizados com seu percurso histórico, iniciei a análise de seus modos de uso, que era o foco principal da pesquisa.

A escolha da bibliografia foi um trabalho de garimpo, apoiado nas referências bibliográficas de artigos escritos sobre o tema que formavam aos poucos meus referenciais teóricos. Nesse garimpo, acabei conhecendo nomes como John Gage, Michael Pastoureau, Israel Pedrosa, entre outros autores que estudam a cor.

Michael Pastoureau, historiador francês, é um dos maiores especialistas na simbologia das cores, foi meu ponto de partida com seu livro *Azul – História de uma cor*, 2006. Dali, saíram muitas das informações que me levaram adiante, e a própria bibliografia citada nessa obra me abriu vários caminhos para pesquisa.

Muitos materiais chegavam até mim com a ajuda de amigos que sempre me marcavam em suas redes sociais quando viam algo sobre cor e sobre o azul. Deu trabalho separar tudo isso em fontes confiáveis, ou, ainda, descobrir de onde viera a fonte primária das informações para que eu pudesse citá-las adequadamente. Normalmente, a pesquisa gerava mais informações, que foram se somando a um banco de dados, do qual muita coisa não foi utilizada e nem lida, mas que futuramente poderá ser de grande valia.

A essa altura da pesquisa, eu já tinha todas as imagens e todos os artistas selecionados, era somente uma questão de quem respondia

melhor às minhas indagações, para que eu conseguisse fazer uma associação com os conceitos apresentados na Introdução. Eu queria que o texto tivesse uma boa fluidez e que as informações se complementassem.

Minha intenção era que ao final tivéssemos uma análise da utilização da cor azul ao longo da História da Arte, avaliando seus significados durante esse processo. Do desinteresse na Antiguidade e Alta Idade Média até uma ascensão progressiva a partir do século XII e o seu triunfo na época contemporânea, traçando um balanço de seus usos e significados e interrogando sobre o seu futuro.

A pesquisa foi dividida em três capítulos, nos quais discuti o conceito de azul atmosférico e do azul pontual, tendo como base trabalhos selecionados de alguns artistas, que, na minha opinião, elucidavam esses conceitos. Entre esses dois capítulos, era preciso destacar a expressão máxima da ascensão na cor azul na arte: Yves Klein. Um divisor de águas na relação do azul com a arte.

Yves Klein, pintor e artista experimental francês, uma das figuras mais influentes na arte europeia de vanguarda do pós-guerra,² trabalhou com a monocromia e, em especial, com a cor azul, chegando a patentear o seu próprio tom de azul, chamado de IKB – *International Klein Blue*. Não somente por esse motivo, mas também por ele ter materializado a cor e feito dela uma marca, o que de certa forma contradizia alguns dos tópicos abordados por mim na Introdução. Era muito importante que ele fizesse parte dessa pesquisa, pois, a partir do IKB, o uso do azul torna-se *pontual* na arte contemporânea.

Lembro que fui indagada pela banca por que Yves Klein não teve maior destaque na minha pesquisa? Foi intencional. A figura dele por si só já é dotada de toda a excelência; se eu fosse lhe dar mais atenção, certamente esse teria sido um trabalho de conclusão sobre ele e não sobre a cor azul. Foi difícil manter Klein dentro da caixa.

Fora Yves Klein, minha maior dificuldade foi encontrar bibliografia sobre o assunto que me desse o entendimento que eu procurava. Eu queria provar que a escolha pelo azul não era um fenômeno

2

Cf. CHILVERS, 2007 p. 285.

aleatório. Queria provar que existia um porquê de a cor estar naquela obra, naquele momento da história e que aquele artista tinha um motivo especial para utilizar o azul.

Quando no primeiro capítulo falei sobre o azul atmosférico, incluí exemplos de Caspar David Friedrich, Willian Turner, Paul Cézanne, Claude Monet, Vincent Van Gogh, Pablo Picasso, Jacques Monorry e até uma obra de Cildo Meireles que conversava muito bem com o tema. Já no capítulo de azul pontual, foram citados alguns artistas não tão conhecidos, como Konstantin Dimopoulos, Lita Albuquerque, Helena Almeida. Mas também tínhamos Henri Matisse, Jeff Koons, Félix Gonzalez-Torres, Willian Kentridge e, para finalizar, Marta Penter, que foi onde tudo começou. A intenção era iniciar no macro e fechar cada capítulo no micro. Como o encerramento de um ciclo, trazendo sempre um artista brasileiro como um exemplo da reverberação dos conceitos sobre o azul no clássico, no moderno e no contemporâneo, valendo em qualquer parte do mundo. Arte como uma só linguagem.

As semanas seguintes foram de ajustes, revisões e reuniões com a minha orientadora. Era a reta final. Hora de pensar nos pequenos detalhes como diagramação, impressão, capa... Hora de fazer todos os *back-ups* possíveis, salvar em todas as nuvens do céu e em todos os *pendrives* da casa.

Eu sabia que tinha feito um bom trabalho, mas minha preocupação agora era com a banca: será que ela pensaria como eu? Bancas são uma caixinha de surpresa, nunca se pode ter certeza de nada. Mas também não se pode fazer um trabalho desse calibre pensando em agradar a banca. Respeite a banca, mas agrade primeiro a você. Se você está bem consigo mesmo em relação ao que está escrevendo, já terá metade do caminho para o sucesso. A outra metade se divide entre sorte e metodologia.

No final, acabou tudo bem. Deu tudo certo. A banca foi perfeita. O nervosismo na apresentação foi controlado. O trabalho ficou lindo e ganhou conceito máximo. Foram alguns meses de total dedicação e muitas mãos envolvidas. Mãos que se estenderam na hora certa, mãos que abraçaram e deram apoio, mãos que trouxeram livros, que manusearam meu texto mil vezes durante as revisões. Mãos que me aplaudiram quando recebi meu diploma.

E a cor azul segue ao meu lado, agora em outras pesquisas. Coisas
que o futuro trará... um caminho todo azul!